

# império celta

clive cussler e dirk cussler

Tradução de José Manuel Lopes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

# Lista de Personagens

1334 A.C.

*Meritaten* — Princesa egípcia, filha do faraó.

*Gaythelos* — Marido de Meritaten.

*Osarseph* — Profeta que tinha a ajuda de Meritaten.

*Ahrwn* — Irmão de Osarseph.

2020

## EQUIPA DA NUMA

*Dirk Pitt* — Diretor da Agência Nacional Marinha e Submarina (NUMA).

*Al Giordino* — Diretor de Tecnologia Subaquática, NUMA.

*Rudi Gunn* — Diretor-adjunto da NUMA.

*Zerri Pochinski* — Secretária de Pitt, de longa data.

*Michael Cruz* — Engenheiro naval e especialista em salvamento e resgate, NUMA.

*Dr. Rodney Zeibig* — Arqueólogo subaquático, NUMA.

*Summer Pitt* — Diretora de Projetos Especiais da NUMA e filha de Dirk Pitt.

**Dirk Pitt, Júnior** — Diretor de Projetos Especiais da NUMA e filho de Dirk Pitt.

**Hiram Yaeger** — Diretor do Centro de Recursos Informáticos, NUMA.

**James Sandecker** — Vice-presidente dos EUA e antigo diretor da NUMA.

## OFICIAIS, POLÍTICOS E PESSOAS DE NEGÓCIOS

**Loren Smith-Pitt** — Esposa de Pitt e congressista do Colorado.

**Senador Stanton Bradshaw** — Presidente do Comité Senatorial do Meio Ambiente e Obras Públicas.

**Evanna McKee** — CEO da BioRem Global Limited.

**Audrey McKee** — Gestora operacional da BioRem Global Limited, filha de Evanna McKee.

**Rachel** — Associada de Evanna McKee.

**Ross** — Agente do FBI que protege Elise Aguilar.

**Abigail Brown** — Ex-primeira-ministra da Austrália.

**Gavin** — Operacional que trabalha para Evanna McKee.

**Ainsley** — Operacional que trabalha para Evanna McKee.

**Irene** — Operacional que trabalha para Evanna McKee.

**Richards** — Operacional que trabalha para Evanna McKee.

## HISTORIADORES, ESPECIALISTAS E PROFISSIONAIS MÉDICOS

**Elise Aguilar** — Cientista da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, em El Salvador.

**Phil** — Cientista da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, em El Salvador.

**Rondi** — Aldeão salvadorenho que ajuda os cientistas americanos.

**Dr. Stephen Nakamura** — Epidemiologista, Universidade de Maryland.

**Dr.<sup>a</sup> Susan Montgomery** — Chefe do Laboratório de Saúde Ambiental, Centros de Controlo e Prevenção de Doenças.

**Dr. Miles Perkins** — Cientista, Laboratório de Pesquisa de Inverness.

**Dr. Harrison Stanley** — Professor emérito de Egiptologia da Universidade de Cambridge.

**Riki Sadler** — Bioquímica e arqueóloga, filha de Evanna McKee.

**Dr. Frasier McKee** — Bioquímico e falecido marido de Evanna McKee.

**Aziz** — Agente do Ministério de Antiguidades do Egito.

**St. Julien Perlmutter** — Historiador náutico e amigo de longa data de Dirk Pitt.

**Byron** — Diretor do Laboratório de Pesquisa, Centros de Controlo e Prevenção de Doenças.

**Dr. Eamon Brophy** — Antigo diretor do Departamento de Arqueologia, Universidade de Dublin.

## OUTROS

*Manjeet Dhatt* — Pai do rapaz doente em Bombaim.

*Pratima Dhatt* — Mãe do rapaz doente em Bombaim.

*Ozzie Ackmadan* — Proprietário da Estalagem de Abu Simbel.

*Frei Thomas* — Frade franciscano de Killarney.

*Capitão Ron Posey* — Capitão do *Mayweather*.

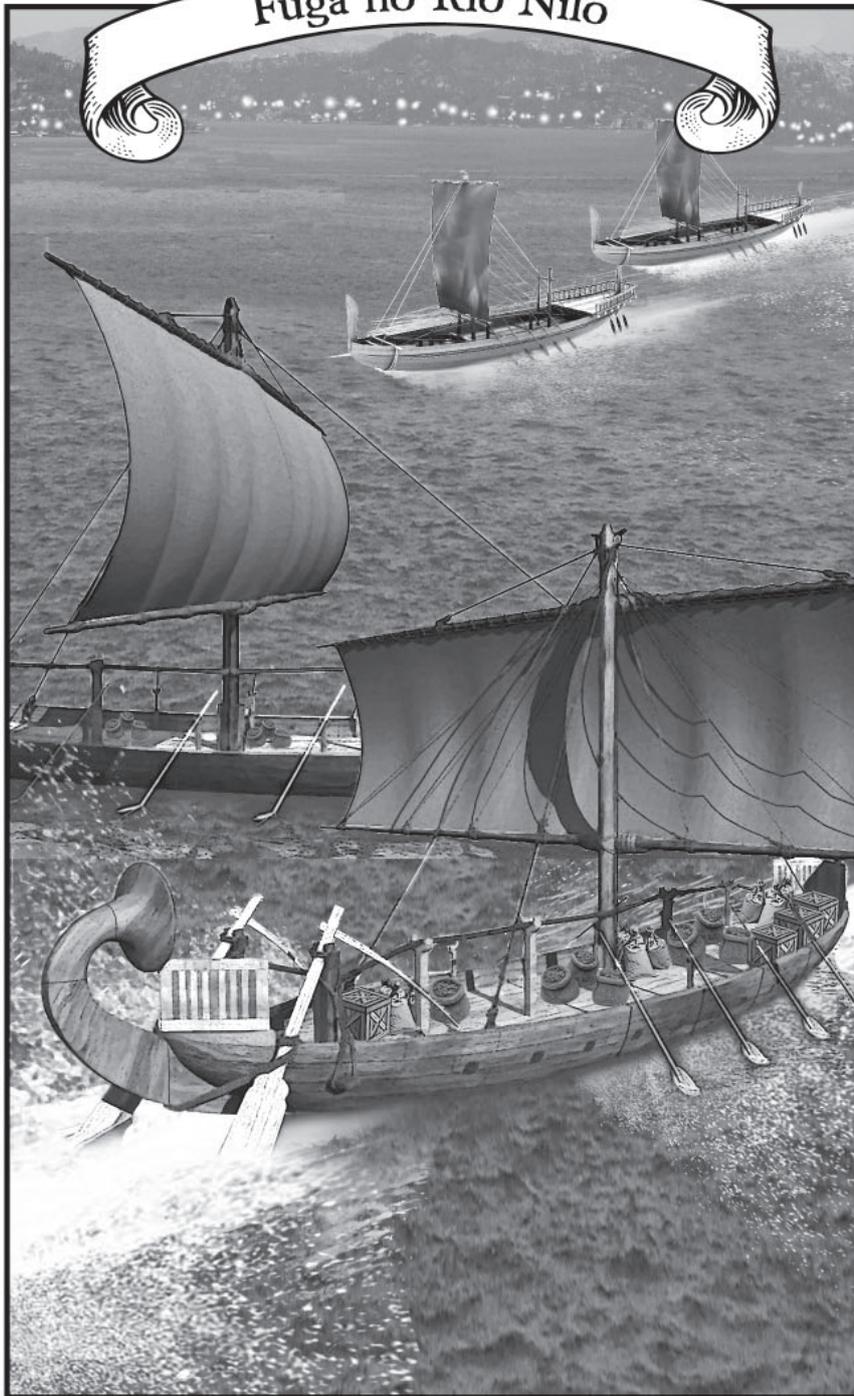
*Gauge* — Segundo-oficial do *Mayweather*.

**Prólogo**

FUGA PELO NILO



Fuga no Rio Nilo





*MÊNFIIS, EGITO*  
1334 A.C.

LAMENTAÇÕES DE PESAR FLUTUAVAM SOBRE A CIDADE COMO UMA ÁRIA tenebrosa. As habitações de adobe explodiam de angústia, enquanto o sofrimento voluteava pela noite do deserto. Mas os ventos transportavam mais do que apenas gritos de luto.

Traziam o cheiro fétido da morte.

Uma epidemia misteriosa abatera-se sobre a região, atingindo praticamente cada casa. Os jovens eram os mais atacados, mas não exclusivamente. As garras da morte tinham apertado até a família real, com uma gélida intensidade.

Agachada no Templo de Áton, uma rapariga tentava bloquear o ruído e o fedor. Quando a Lua surgiu por detrás de uma nuvem, projetando o seu brilho sobre a paisagem, ela esfregou um pesado amuleto de ouro no peito, ficando à espera de sons de movimento. Um sussurro de solas de couro sobre lajes chegou-lhe aos ouvidos, e ela voltou-se para um vulto que corria na sua direção, atravessando o templo desde o pórtico.

O seu marido, Gaythelos, era alto, com cabelo escuro e encaracolado e ombros largos. Tinha a pele húmida no ar da noite quente, ao pegar-lhe na mão e ao ajudá-la a levantar-se.

— O caminho para o rio está livre — anunciou ele, em voz baixa.

Ela olhou para trás dele. — Onde estão os outros?

— A proteger os navios. Vem, Meritaten, não percamos mais tempo.

Ela voltou-se para as sombras por detrás dela e anuiu com a cabeça.

Três homens emergiram ao longo da parede do templo, armados com dardos e pesadas espadas *khopesh*<sup>1</sup>. Enquanto ela seguia o marido, eles colocaram-se numa posição triangular defensiva em torno dela.

Gaythelos conduziu-os para longe da entrada do templo através de uma viela, com as sandálias a levantarem pó. Apesar da hora tardia, muitas casas ainda revelavam o brilho de candeias de azeite através das fendas nas persianas. O grupo moveu-se rapidamente, mantendo-se em silêncio ao atravessar a antiga capital.

A estrada inclinava-se ligeiramente para o rio, onde filas de barcos de mercadores se encontravam amarradas a uma doca. À medida que iam seguindo junto à margem, dois homens surgiram entre os juncos. Tinham longas barbas cinzentas e estavam vestidos com velhas roupas de linho.

As escoltas levantaram os dardos e avançaram rapidamente.

— Guardas! Parem! — gritou Meritaten.

Os homens armados ficaram imóveis.

Ela passou por eles e cumprimentou os dois homens. — Osarseph, Ahrwn, que fazeis aqui? Porque não partistes?

O mais jovem dos homens deu um passo em frente. Tinha nos olhos uma expressão determinada, num rosto desgastado pelos elementos. — Meritaten — respondeu ele —, não poderíamos saborear a liberdade sem que antes vos agradecêssemos. A vossa influência sobre o faraó foi relevante para o seu edital. Sinto-me triste por saber que tivestes conhecimento da sua morte em Amarna.

— A minha influência foi detestável — admitiu ela. — O que não é questionado é que os altos sacerdotes do faraó estão agora a controlar as nossas terras, acusando a família real das desgraças que assolaram o Egito.

— Sois apenas culpada de ter um coração aberto para os desgraçados.

— Retirou um saco de pele de cabra que trazia ao pescoço e entregou-lho.

— Salvastes-nos das águas contaminadas do Nilo. Rezo para que seja agora tempo de vos salvardes.

— Preocupais-vos quando o faraó não o fez. É a Gaythelos que deveis agradecer, não a mim. — Ela assentiu com a cabeça em direção ao marido.

— Ele conhecia o poder do ápio.

Osarseph voltou-se e fez uma vénia para o homem. — Vireis connosco?

---

<sup>1</sup> Espada egípcia em forma de foice. (N. de T.)

— Ele acenou com o braço na direção do rio. Na margem oposta, um clarão de mil fogueiras pontuava o horizonte.

— Não — respondeu Meritaten. — Entregaremos ao mar o nosso destino.

O idoso anuiu com a cabeça, ajoelhando-se, em seguida, diante dela. — Eu e o meu irmão manteremos os vossos feitos sempre nos nossos corações. Que vivais em paz para a vida das estrelas.

— E vós também, Osarseph. Adeus.

Os dois homens entraram numa pequena barca, empurraram-na para o rio escuro e remaram até à outra margem.

— Será que nos deveríamos juntar a eles? — murmurou ela.

— O deserto nada mais nos trará senão sofrimento, meu amor — respondeu Gaythelos. — Esperam-nos terras mais hospitaleiras. Não nos devemos atrasar.

Conduziu o grupo ao longo da margem, desviando-se dos navios no cais de desembarque da cidade, em direção a três embarcações escondidas nos juncos a jusante. Ao aproximarem-se, foram desafiados por sentinelas armadas, que em seguida os guiaram a bordo de um dos barcos.

Meritaten e Gaythelos tomaram assento por baixo do mastro solitário quando o barco desatracou. A tripulação remou, afastando-se da margem e seguindo os outros dois navios até meio do Nilo.

Meritaten olhou para a embarcação de um modo receoso. Tinha menos de trinta metros e um convés aberto, com um casco e uma popa que se encurvavam para cima. Vasos e cestos cheios de provisões enchiam o convés. Soldados alinhavam-se ao longo das amuradas, impulsionando a embarcação com remos curtos. Os outros dois barcos, navios mercantes veteranos que tinham atravessado o Mediterrâneo muitas vezes, mantinham-se igualmente baixos na água.

Içaram-se, parcialmente, velas principais quadradas à popa e à proa para manobrar, enquanto os navios se dirigiram para norte, ajudados pela corrente. Pequenas lanternas balançavam das proas, fornecendo uma luz fraca diante das águas escuras que os esperavam. Ao abandonarem a cidade de Mênfis com o seu rasto, os barcos singravam silenciosamente, exceto pelo bater da água contra os cascos e pelo mergulhar dos remos no rio.

A cerca de vinte quilómetros mais abaixo, murmúrios percorreram as embarcações. Em frente deles aparecera uma feira de lanternas. Tratava-se de um barco atracado a meio do rio.

Meritaten semicerrou os olhos para a barça iluminada. Havia cabos

que se estendiam dela até ambas as margens, para que servisse de meio de transporte durante as horas do dia, enquanto à noite funcionava como um posto para cobrar impostos aos navios mercantes que passavam. Contudo, gritos vindos da barçaça indicavam que esta tinha nessa noite outra função para lá da taxaço tributária.

— Apaguem as lanternas! — exclamou o capitão do barco de Meritaten, um homem rude com uma cabeça rapada, que olhou também para os outros barcos.

Demasiado tarde. Todos três tinham sido vistos. Uma equipa de arqueiros reunidos na barçaça lançou uma chuva de setas.

Gaythelos empurrou Meritaten contra o convés. Um tripulante gritou e levou a mão ao pesçoço atingido por uma seta.

— Mantém-te baixa! — Enquanto dois guardas estavam de vigia junto deles, Gaythelos arrastou um saco de cereais pelo convés e cobriu a sua mulher com ele.

Por baixo do saco, ela podia apenas ouvir a escaramuça. Os três barcos dirigiram-se para a parte mais distante da outra margem, aumentando, o mais que puderam, a distância entre eles e a barçaça. A primeira embarcação aproximou-se de um dos cabos do barco inimigo e homens debruçaram-se na proa para o cortar. Alguns foram atingidos pelos arqueiros, outros conseguiram abrir uma passagem.

Os três barcos continuaram a descer o rio, mas a barçaça soltou um pequeno bote que os perseguiu, cheio de combatentes e de mais arqueiros. Pondo os remos na água, a embarcação que os perseguia chegou junto do navio mercante mais próximo, o que transportava Gaythelos e Meritaten. Encurtou rapidamente a distância e parou ao lado dele. Os seus guerreiros apressaram-se para fazer uma abordagem, esperando pouca resistência.

Gaythelos e o contingente armado saltaram das sombras, lançando dardos e golpeando os seus atacantes com espadas de bronze. Uma série de combates singulares espalhou-se pelo convés, enquanto cada membro da tripulação lutava para repelir os atacantes. Arqueiros, no barco de ataque, dispararam setas para os que lutavam, matando combatentes em ambos os lados. Os corpos dos mortos caíam ao Nilo. A batalha continuou de ambos os lados até os atacantes parecerem estar a ganhar. Apercebendo-se da derrota, Meritaten ergueu-se do local onde se escondera e pegou na espada de um guerreiro morto.

— Conquistai a vitória! — implorou ela, mergulhando a lâmina num dos atacantes.

Os defensores juntaram-se ao vê-la. Apressando-se sobre os atacantes, conduziram-nos até à popa, matando-os sem piedade. Seguiu-se o barco de ataque. Os homens enraivecidos, que combatiam com espadas e estavam ao lado da princesa, saltaram para essa embarcação, massacrando os restantes arqueiros. Mais tarde, abandonaram o barco à deriva com a sua carga de mortos.

Meritaten foi até à proa em busca do marido. O convés estava empapado em sangue e havia mortos e feridos por todo o lado. Gaythelos surgiu, com uma adaga a escorrer sangue na mão. Ela abraçou-o.

— Estamos agora em segurança — observou ele. — Tu conduziste-nos à vitória.

Voltou-se para o capitão, que estava ao remo a liderar e tinha uma seta espetada num ombro. — Não é verdade?

O homem assentiu com a cabeça. — Já não haverá mais obstáculos. Estamos a aproximar-nos do delta e das suas múltiplas vias até ao mar. Quando chegar a manhã, o Egito estará já nas nossas costas.

A armada continuou a singrar durante a noite, através de um ramo oriental do delta do Nilo, ladeado de campos de trigo maduro. O Mediterrâneo não tardou a aparecer e os três barcos deslizaram para o mar turquesa. Mantiveram-se longe de uma linha de navios de comércio do Levante quando o Sol iluminou o céu matinal.

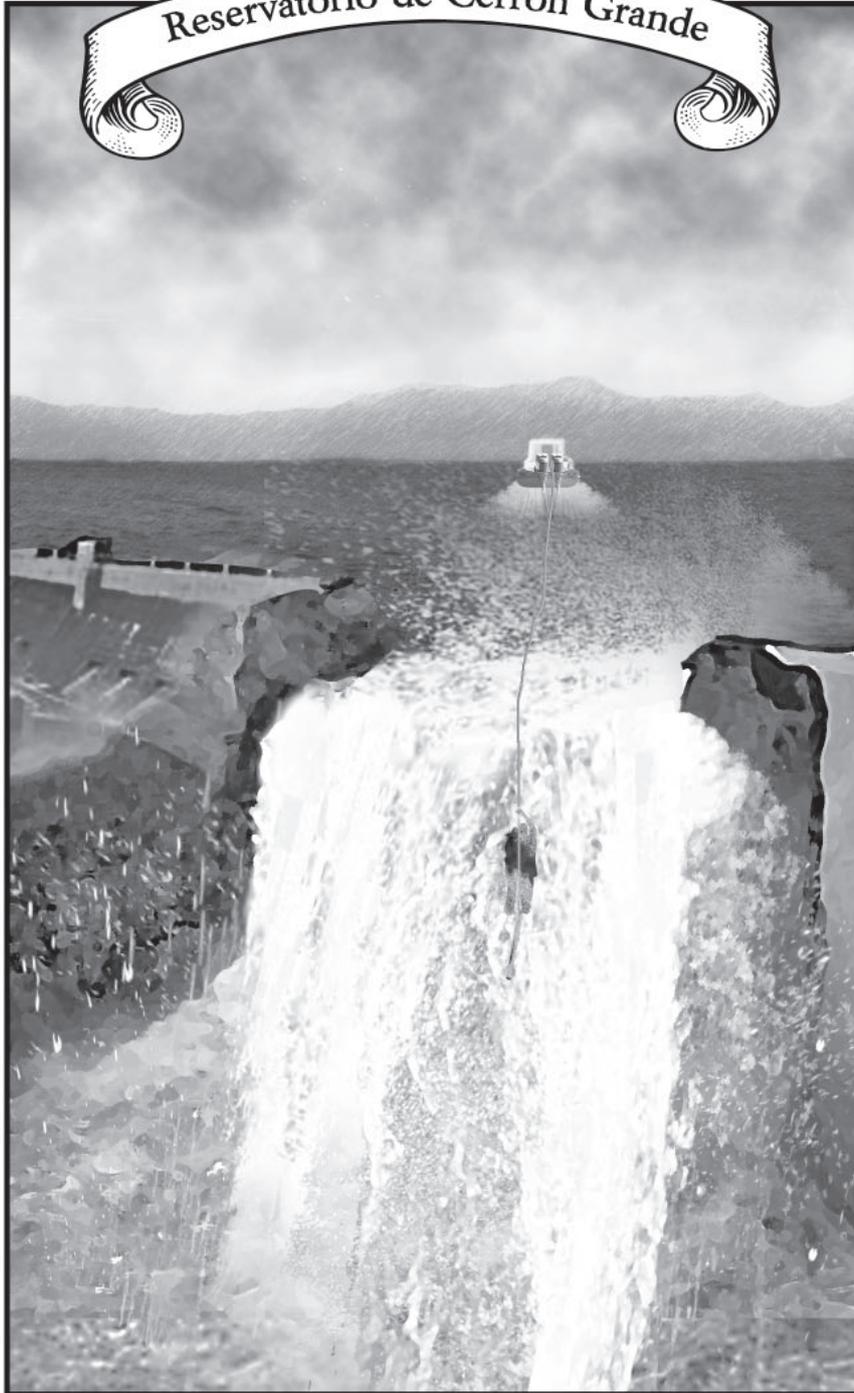
Meritaten sentou-se junto de Gaythelos enquanto as costas do Egito se afastavam por detrás deles. Estreitou o saco de pele de cabra contra o peito, pensando no futuro. Enquanto salvara um sem-número de vidas, também sacrificara tudo o que lhe era caro.

Levantou-se e foi até à proa do navio com um novo sentido do seu destino. Fitando o horizonte, para lá do mar alto, olhou para o mundo desconhecido que a aguardava.

**Parte I**  
**CASCATA**



Reservatório de Cerrón Grande



# 1



*COPAPAYO, EL SALVADOR*

*MAIO DE 2020*

ELISE AGUILAR REPAROU, COM OLHOS ENTRISTECIDOS, NO CORTEJO FÚNEBRE que seguia através do largo poeirento da aldeia. Os quatro homens que carregavam o caixão caminhavam de olhos baixos, enquanto equilibravam o féretro branco de uma criança aos ombros. Um pequeno ramo de orquídeas amarelas fora colocado sobre a tampa, cobrindo a imagem pintada à mão de uma bola de futebol.

A família da criança falecida seguia atrás, chorando abertamente, apesar das palavras de conforto por parte das pessoas da aldeia.

Elise seguiu o cortejo com o olhar, até este ter desaparecido para lá de uma curva com folhagem espessa. O pequeno cemitério ficava mesmo na pequena colina seguinte.

Ela ignorou o jipe preto, que rodeara o cortejo funerário, enquanto dobrava uma esquina para seguir um caminho de terra batida na direção oposta. Caminhou para lá de uma fileira de edifícios de estuque, com telhados baixos, que eram as residências dos trinta habitantes da aldeia. O caminho descia a colina e abria-se para a vista esplêndida de um cintilante lago azul.

Cerrón Grande era um reservatório, o maior de El Salvador, construído para fornecer energia hidroelétrica à região. Centenas de famílias tinham sido realojadas na aldeia de Copapayo, que fora construída à pressa quando o rio Lempa transbordara em 1976. Elise olhou para o lago. Um

pescador numa canoa e um pequeno bote atravessavam as águas. À direita, uma barreira de cimento, de um cinzento-pó, assinalava a parte superior da barragem de Cerrón Grande que criara o lago.

Elise desceu o caminho quase até à margem do mesmo. Parou e limpou o suor da testa em frente de um grande toldo, feito de raízes retorcidas de árvores e coberto por folhas de palmeira. Uma meia dúzia de tendas vermelhas estava montada num semicírculo em redor do lado oposto do toldo, voltada para a sombra do interior. De ambos os lados, havia uma grande extensão de terras agrícolas, onde irrompiam filas de pés de milho verde.

Sob o toldo, cientistas da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional sentavam-se em volta de mesas improvisadas, fazendo experiências ou análises informáticas. O grupo vestia calções e *t-shirts*, dado o clima abafado.

Um homem esguio com óculos de lentes grossas e uma barba desgredada levantou os olhos do microscópio. — Porquê essa cara? — perguntou ele, com um pesado sotaque de Boston.

— Hoje houve um funeral na aldeia. O cortejo acabou de passar.

— Para o menino?

Elise anuiu com a cabeça.

— Muito triste. O Rondi disse-me que havia uma criança doente da aldeia na clínica de Suchitoto. Não pensei que fosse uma coisa séria.

Gritou para o jovem local que escolhia pés de milho de um recipiente.

— Rondi, que é que aconteceu ao menino?

O rapaz aproximou-se do cientista. — Ele esteve *enfermo* por pouco tempo. Veio um médico e levou-o para o hospital na semana passada, mas não o conseguiram salvar.

— Qual era o diagnóstico? — perguntou Elise.

Rondi encolheu os ombros. — *Un misterio*. Os médicos não dizem nada. Foi como os outros.

— Quais outros?

— Três outras crianças da aldeia morreram nos últimos meses. A mesma coisa. Ficaram *enfermos* e era já muito tarde para os médicos os poderem salvar.

Elise olhou para o colega. — Phil, achas que poderá estar relacionado com as colheitas de alimentos? — Apontou para o recipiente de milho que Rondi estava a escolher.

— Devido às sementes geneticamente modificadas que nós demos aos agricultores no ano passado? — Ele abanou a cabeça. — Nem por sombras.

Essa variedade é apenas manipulada para suportar a seca e tem sido usada com segurança por todo o mundo.

Ela assentiu com a cabeça. — Despedaça-me o coração ver crianças a ficarem doentes.

Ele encolheu os ombros. — Somos cientistas agrícolas, Elise, não somos médicos. — Ele olhou para o viçoso campo de milho. — E amanhã temos de levantar o acampamento para irmos quinze quilómetros mais para norte.

Ele reparou no desapontamento no olhar de Elise. — Muito bem. Talvez possamos fazer mais. Vou mandar um *e-mail* à nossa gestora operacional para que ela faça um pedido à Organização Mundial de Saúde. Eles têm uma presença estabelecida em El Salvador. Creio que podem enviar alguém para investigar.

— Obrigada. As pessoas aqui merecem saber o que estará a causar a doença.

Ele anuiu com a cabeça. — Entretanto, preciso que tu e o Rondi avaliem os rendimentos no Lote 17. — Ele apontou para um diagrama dos campos em volta da aldeia. O Lote 17 era um campo estreito perto do lago.

— *Sí*, sei de qual está a falar — retorquiu Rondi. Pegou no saco de lona e pô-lo ao ombro.

Elise seguiu-o por um carreiro através de um campo de milho próximo. Enquanto caminhavam, ela não parava de pensar no cortejo fúnebre nem no caixãozinho branco.

— Rondi, nas outras aldeias também houve crianças doentes?

Ele concordou. — Um sobrinho meu chamado Francisco. Morreu há pouco tempo. Vivia em San Luis del Carmen, do outro lado do lago.

— Que idade tinha?

— Quatro anos, creio eu.

— Não me lembro dessa aldeia. Será que arranjámos sementes para os agricultores que aí viviam?

— Não, eles têm sempre ótimas colheitas, mas vi lá os *científicos* na semana passada.

— Que cientistas? — inquiriu Elise. — A nossa equipa chegou a Cerrón Grande há quatro dias.

— Não me parece que fossem trabalhadores dos EUA. Ninguém sabia de onde eles tinham vindo.

— E que é que queriam?

Outro encolher de ombros. — Perguntaram acerca dos *niños* e levaram

algumas amostras de água e de comida. — Parou junto de um letreiro de plástico, num pau espetado no chão, com o número 17. — Este é o nosso lote.

Elise retirou um novelo de fio amarelo do saco de Rondi e penetrou alguns metros no interior do campo de milho. Desenrolou o fio em cima da terra, formando um quadrado em volta de alguns pés de milho. Com a ajuda de Rondi, examinou cada pé nesse espaço, registando o número de rebentos e espigas em cada um deles. Assentou os números numa prancheta, depois mudou o fio para outro local, a vários metros de distância, e repetiu a contagem. Já no acampamento, iria calcular o rendimento para todo o campo.

— Voltemos ao acampamento junto ao lago — sugeriu Rondi, logo que completaram as medições, enquanto orientava Elise através do campo de milho.

Emergiram numa pequena falésia que dava para o reservatório. A menos de um quilómetro à direita de onde se encontravam, via-se a parede de cimento, com oitocentos metros de comprimento, da barragem de Cerrón Grande. Voltaram na direção oposta e começaram a andar para o acampamento.

Perto do caminho para a aldeia, Elise parou para admirar um pequeno moinho de vento em alumínio, instalado sobre uma placa de cimento perto da água. Uma roda com oito lâminas girava na brisa ligeira e a água irrompia junto à base da estrutura. — Não me lembro de isto aqui estar no ano passado.

— O poço da aldeia estava quase seco, de modo que o governo instalou este moinho. Agora podemos retirar água do lago. O Sr. Philip ajudou-nos a instalá-lo no ano passado, depois de a senhora ter partido.

— E a água é usada para regar os campos?

— *Sí*, e para a aldeia. Retira água de um cano que se estende para o lago. Podemos direcioná-la para os campos e para uma cisterna, onde é filtrada e canalizada até à aldeia.

Elise olhou para o moinho e depois voltou-se para Rondi.

— Tens um barco, não é verdade?

— Está ancorado a seguir àquela curva.

— Será que me podes levar até ao lago? Gostava de colher algumas amostras de água perto do cano.

— Vou buscar o barco e não demoro nada.

Elise correu até ao acampamento para deixar a mochila e os registos do

rendimento agrícola. Depois, pegou numa bolsa com meia dúzia de tubos de ensaio postos em pequenos anéis de velcro. Voltou para a margem do lago e esperou até que Rondi aparecesse num pequeno barco motorizado de alumínio.

— Desculpe — disse ele com um sorriso, mostrando os dentes. — Este motor nem sempre gosta de começar a trabalhar...

A embarcação amolgada e ferrugenta tinha um motor fora de borda de seis cavalos, que era mais velho do que Rondi, e que deitava fumo quando parava. Ela atirou com a bolsa para o banco, desviou a proa da costa e saltou para bordo. Rondi fez marcha-atrás, até águas mais profundas, depois virou o barco e começou a afastar-se da margem. Viajaram apenas uma curta distância, antes que ele desligasse o motor e deixasse a embarcação à deriva.

Rondi observou a posição em relação ao moinho de vento. — A boca do cano é mais ou menos aqui.

Elise retirou dois dos tubos de ensaio da bolsa, removeu-lhes as tampas e mergulhou-os na água fresca e transparente. Quando os fechou, reparou num peixe morto a flutuar por perto. — Costumas ver muitos peixes mortos no lago?

Rondi voltou a encolher os ombros. — Vi alguns perto da barragem.

— Não te importas de me mostrar?

Rondi puxou pelo cabo que ligava o motor, uma dezena de vezes, até que este pegasse. Dirigiu-se para a barragem, passando por um velho pescador numa canoa que estava a recolher uma rede de cerco. Aproximaram-se da barreira de segurança da barragem, um simples cabo de aço estendido mesmo acima da água. Rondi desligou o motor e deixou que o barco se encostasse ao cabo. Viam-se dezenas de peixes mortos a flutuar na água, com as barrigas brancas e inchadas voltadas para cima.

Elise tirou algumas fotografias com o telemóvel, um pouco agoniada ao pensar que as pessoas da aldeia bebiam a água não tratada do lago. Recolheu mais duas amostras e olhou para a extensão do reservatório.

— Vamos para norte até San Luis del Carmen. Gostava de recolher lá outra amostra.

No instante em que Rondi fez um gesto de concordância, ecoaram três rajadas de trovões no lado oposto da barragem. Elise e o jovem olharam um para o outro, e um estrondo profundo borbulhou por baixo deles. Numa lenta cascata, a parte central da barragem de cimento, diante deles, desmoronou-se com um rugido.

Elise gritou, enquanto Rondi tentava ligar o motor. Este tossiu,

começou a funcionar e o jovem pô-lo na velocidade máxima. O pequeno barco desviou-se rapidamente da barragem que se desmoronava, avançando pouco mais de dez metros antes de abrandar. O pequeno motor gemeu mas o barco não avançou mais.

— Que é que está a acontecer? — gritou Elise.

— É a corrente... é muito forte. — Rondi olhou para ela, com os olhos muito abertos e com a mão a tremer sobre o leme.

Por detrás dele, a barragem estava a desintegrar-se para dentro da ravina, cem metros mais abaixo, enquanto o fluxo de água acelerava.

Dando velocidade ao motor até os nós dos dedos ficarem brancos, Rondi voltou a olhar para a margem e abanou a cabeça.

Ele e Elise podiam apenas observar, à medida que o barco era arrastado para trás para a enorme fenda na barragem e para a mortal cascata para lá dela.

## 2



O ESTRONDO ECOOU ATRAVÉS DO RESERVATÓRIO.

— Que foi aquilo? — Dirk Pitt levantou a cabeça por detrás de dois monitores de computador onde estivera a observar uma imagem de sonar do fundo do lago. Olhou para a apertada casa do leme do barco de pesquisa, para o homem baixo e corpulento que pilotava a embarcação.

— Não foi trovoadas. — Al Giordino olhou pela janela lateral para o céu azul. — Oh, o meu estômago, apesar dessa pobre desculpa de almoço. — Atirou um saco vazio e amachucado de batatas fritas para o tabliê e depois concentrou o olhar no para-brisas.

De súbito, sentou-se muito direito. — Oh, meu Deus, olha para aquilo. É a barragem.

Pitt levantou-se, esticando o corpo com um metro e noventa de altura, e olhou para a popa. A menos de quinhentos metros adiante, a orla do Cerrón Grande estendia-se de um lado ao outro do reservatório. Contudo, agora, a estrutura revelava uma grande fenda no meio. Havia dois pequenos barcos, mesmo em frente dessa abertura, a serem arrastados para o vazio.

— A barragem está a ceder e aqueles barcos estão a ir com ela.

Giordino acelerou. O barco de nove metros avançou devido a um conjunto de bimotores fora de borda com duzentos e cinquenta cavalos. Em vez de se desviar do perigo, foi direito à devastação.

Olhou por cima do ombro, através do convés aberto da proa, para um

cabo azul muito esticado que se arrastava no rasto de espuma por detrás deles. Cem metros atrás, um sonar submerso arrastado pelo barco veio à superfície e começou a saltar na água.

— Não temos tempo para o recolher — observou Pitt, lendo os pensamentos de Giordino. Foi até à porta da cabine da popa. — Aproxima-te o mais que puderes.

Pitt foi até ao convés aberto, retirou uma boia salva-vidas da antepara e atou-a a um rolo de corda que estava guardado num balde. Dirigiu-se para o cadaste e atou a ponta livre a uma presilha da popa. Observando a barragem de um dos lados, perguntou-se se iriam chegar tarde de mais.

Elise não reparou que o barco de pesquisa vinha direito a eles. Concentrou-se no velho pescador na canoa próxima, a lutar pela vida. Apesar de todas as suas tentativas de remar para sair dali, a embarcação estreita de madeira estava rapidamente a ser puxada para trás para a corrente da cascata. Os braços magros do idoso tentavam manejar energicamente o remo, mas nada conseguiam contra a força da água.

— Rondi, será que o podes ajudar?

Ela teve de gritar para se fazer ouvir devido à queda de água. O jovem estremeceu, em seguida ajustou o leme, colocando o barco no caminho do pescador.

Elise pôs o saco ao pescoço, depois agarrou-se a um dos lados da canoa e juntou ambas as embarcações. O pescador acenou o seu agradecimento e continuou a remar no lado oposto.

Era uma batalha em vão. Ambos os barcos estavam a deslizar para o abismo que agora se encontrava a menos de trinta metros.

Sobrepondo-se ao ruído da cascata, Elise apercebeu-se de outro som: do gemido de grandes motores. O barco de pesquisa estava a dirigir-se para a barragem à velocidade máxima.

A embarcação descreveu um grande arco, arrastando um cabo azul, depois abrandou ao parar diante deles. Um homem alto de cabelo preto, que estava de pé na popa, estendeu-lhes uma corda.

— Amarrem-na a um dos barcos — gritou ele. — Vamos tirar-vos daqui.

A corda caiu na proa do barco de alumínio e o pescador agarrou-a. Em vez de a atar a uma das embarcações, enrolou-a em volta da cintura e saltou para a água.

Elise mal podia acreditar no que estava a ver. Olhou para trás e percebeu que a queda de água estava a menos de quinze metros. A corrente, provocada pela catarata, começava a tornar-se mais forte, mesmo quando Elise largou a canoa.

Porém, o barco de pesquisa seguia na direção deles, com o piloto a variar o ângulo das hélices dos dois motores fora de borda, para se manter próximo. Na popa, o homem alto puxou pela corda, furiosamente, até a cabeça do pescador surgir a balançar na água junto dele. Puxou o idoso da água e libertou-o da corda. Voltando a juntar a corda, atirou-a de novo para o barco.

— Amarrem-na — gritou ele.

Quando a corda voou pelo ar, o barco de alumínio rodou na corrente que se intensificava. A corda fora lançada alta e tinha-lhe acertado de lado, mas Rondi, de qualquer modo, conseguiu apanhá-la. — Já a tenho. — Pôs-se de pé e esticou-a por cima de uma das bordas da embarcação.

A alguma distância diante dele, Elise tentou algo semelhante. Com o peso de ambos deslocado para estibordo, o barco inclinou-se para um lado, e o topo de um dos lados do mesmo tocou na água.

Elise tentou desviar-se para trás, mas fê-lo tarde de mais. A água entrou, inundando o interior e virando o barco.

Instintivamente, Elise agarrou-se ao mesmo, mas este puxava-a para baixo enquanto se afundava. Largou-o, tentando emergir desesperadamente. Respirando fundo ao chegar à superfície, viu Rondi a passar com rapidez diante dela, agarrado à corda. Num instante de terror, deu-se conta de que era ele que se encontrava fixo, enquanto ela deslizava a toda a velocidade pela água.

Com um pânico renovado e o coração a bater descompassadamente, tentou nadar para longe da barragem. A corrente rápida retirou-lhe as forças enquanto ela ouvia o estrondo da catarata a aproximar-se por detrás dela.

Tentando nadar com mais energia, o braço dela bateu em algo. Alguém estava na água com ela. Por instantes, esperou ter tocado em Rondi e na corda. Um olhar por cima das águas disse-lhe que não era esse o caso. Em vez disso, viu que era o homem de cabelo escuro do barco de pesquisa que estava perto dela.

Ele pôs-lhe um braço em volta da cintura e agarrou-a muito junto a ele. Confusa, continuou a movimentar as pernas e a dar braçadas. Em seguida, ouviu a voz calma do homem. Parou e olhou-lhe para o rosto.

— Agarre-se a mim e respire fundo. — Ele piscou-lhe um olho de um verde intenso.

A adrenalina sobrepôs-se à análise, e Elise agiu do modo como ele lhe pedira. Não havia mais nada que ela pudesse ter feito enquanto se aproximavam da beira da catarata.

Ele levantou um dedo e rodou-o, enquanto ela se abraçava a ele e respirava fundo uma última vez.

Em seguida, a gravidade tomou conta da situação e arrastou-os pela queda de água.

### 3



ELISE TEVE A SENSAÇÃO DE ESTAR EM QUEDA LIVRE NA CORRENTE DO RIO. Com os olhos bem fechados e a respiração suspensa, continuava muito abraçada a Pitt. Os braços deste envolviam-na e ele dobrara as pernas para a apertar melhor. No meio da forte corrente, Elise conseguia sentir algo a escorregar-lhe pelas pernas e pelas costas.

Pareciam ter estado a cair durante muito tempo. Ela ficou tensa, antecipando a colisão com as pedras na base da barragem. O impacto não aconteceu. Em vez disso, sentiu uma sacudidela por parte de Pitt que quase a arrancou dos braços dele. Algo pusera fim à descida de ambos.

Ela agarrou-lhe uma parte da camisa e conseguiu aproximar-se mais dele. Foi-lhe necessário um esforço hercúleo contra o cair das águas. Sentiu-se como se o Empire State Building estivesse a desmoronar-se em cima dela, um andar de cada vez.

Pitt puxou-a para si, mais uma vez, e ela manteve-se apertada nos seus braços contra a pressão implacável.

Abriu os olhos por instantes e viu apenas uma torrente de águas revoltas a passar por ela. Enquanto o coração sobressaltado se lhe acalmava, Elise deu-se conta de que precisava de respirar. Tinham-se passado apenas alguns segundos desde que eles haviam sido arrastados desde o topo, contudo o esforço fora intenso.

A sua mente não parara. Que lhes iria acontecer suspensos na queda

de água? Disse a si mesma que, não importava o que acontecesse, não iria permitir que a água lhe chegasse aos pulmões. Iria sustentar a respiração até desmaiar, depois aceitaria o seu destino.

A força da água torcia-lhe os membros, retirando-lhe da cabeça o medo de morrer. Os braços doíam-lhe, contudo, se se desprendesse de Pitt, teria uma morte instantânea. Ainda assim, não sentia que aquele homem magro e musculado, que a mantinha agarrada, estivesse cansado. Ele sentia-se como uma estátua, com os braços firmes em volta dela, apesar do peso da torrente sobre os mesmos.

A pressão da água arrastava-os de um lado para o outro, atirando-os contra a barragem. Durante uma colisão, a perna de Elise deslizou contra a superfície desta. Estranhamente, sentiu a parede a separar-se dela. Até certo ponto, parecia que estavam a deslizar pela parede da barragem *acima*.

Mais uma vez, ela precisava de ar. A cabeça latejava-lhe e os pulmões ansiavam por respirar. Elise começou a pensar em desistir. Em seguida, as suas pernas arranharam a parte irregular do topo da barragem e o tumulto das águas velozes abrandou um pouco.

Abriu os olhos, surpreendida por encontrar alguns palmos de visibilidade. A corrente ainda estava forte, mas não tão intensa nem tão cheia de espuma. Ela podia ver agora que Pitt estava a agarrar num pequeno cabo azul, enrolado em volta da perna, que terminava num objeto semelhante a um tubo amarelo por baixo dos pés dele. O nariz desse objeto parara-lhes a descida e ele colocara os pés contra ele.

Elise sentia que tinha os pulmões prestes a explodir. Ergueu os olhos para o homem que a salvara. Este tinha um rosto bem-parecido, ainda que endurecido devido às horas que passara exposto ao Sol. Tinha os olhos abertos e fitava-a com confiança e inteligência. Uma vez mais, uma das suas íris verdes piscou-lhe o olho, dizendo-lhe para não perder a esperança pois em breve seriam salvos.

A força da água diminuía, e Pitt libertou as pernas do sonar e movimentou-as para cima, até ambos chegarem à superfície. Elise pôde então encher os pulmões com respirações fundas, enquanto o latejar que sentia na cabeça se ia atenuando. A corrente ainda lhes puxava pelos corpos e ela mantinha-se bem agarrada a Pitt, cujos braços estavam estendidos a segurar o cabo.

Ela olhou em frente e viu o barco de pesquisa. No convés da popa, um indivíduo de cabelo encaracolado e feições mediterrâneas puxava

rapidamente pelo cabo azul com as suas enormes mãos e braços. Na água, não muito longe, Rondi agarrou na corda esticada de salvamento, atada à popa do barco de pesquisa.

— Aquilo é que foi um duche! — exclamou Pitt. Voltou-se para ela e perguntou: — Encontra-se bem?

Ainda ofegante, Elise anuiu com a cabeça e sorriu vagamente.

Giordino puxou-os por um dos cantos do cadaste, afastando-os dos motores que ainda trabalhavam e mantinham o barco no lugar. Estendeu os braços e trouxe Elise até ao convés com um puxão que não revelou qualquer esforço. Pitt subiu a bordo sem ajuda e acenou para o pescador que estava ao leme. Depois puxou pelo cabo e pelo sonar.

Giordino olhou para Pitt, com um sorriso amarelo. — Sugiro que, da próxima vez, uses um barril para saltares pela catarata.

— Os barris são para os maricas — observou Pitt. — De qualquer modo, obrigado pela boleia.

Giordino foi até ao canto oposto da popa e começou a puxar Rondi. — Estava à espera de que não fosses até ao fundo. Ainda bem que o sonar se manteve bem preso ao cabo.

— Tu e eu — retorquiu Pitt. — Receio que o cabo esteja um pouco mais esticado do que quando começámos.

— Creio que o nosso trabalho de pesquisa acabou por hoje. — Giordino assentiu com a cabeça para Elise e para o idoso, depois deu um último puxão a Rondi para dentro do barco.

O jovem aí ficou, a tremer e a gaguejar. — Menina Elise... pensei que já cá não estivesse... que tivesse ido pela catarata... para sempre.

— Também pensei o mesmo. — Elise voltou-se para Pitt. — Não sei como lhe agradecer.

Ela aproximou-se mais e apertou-lhe a mão de um modo desajeitado. — Chamo-me Elise Aguilar, e estou com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Estava a tentar recolher algumas amostras de água com o Rondi quando a barragem rebentou.

Rondi, agora mais calmo, seguiu o exemplo de Elise e apertou a mão a Pitt e a Giordino. — Não me parece que a barragem tenha rebentado, mas que alguém a tivesse feito explodir.

Elise olhou para ele. — Rondi quem é que aqui iria fazer explodir uma barragem?

Este encolheu os ombros. — Não sei, menina Elise. Pareceu-me ouvir uma explosão antes de ela ter rebentado.

Olharam todos para o que restara da barragem. O reservatório perdera seis metros de profundidade, expondo uma larga abertura irregular no cimento armado. O escoamento da água tornara-se mais lento, mas o impacto era evidente. Grandes pedaços de terreno enlameado estavam expostos nos lados do reservatório e o barco de pesquisa seguiu em frente quando a corrente da cascata abrandou.

Giordino encontrou um termo com café quente para Elise e Rondi, depois foi até à casa do leme para aliviar o pescador que aí estava. Manejando o acelerador, guiou o barco para longe da barragem.

Elise bebeu o café e passou-o a Rondi, depois olhou para o sonar no convés. Voltou-se para Pitt. — Que está o senhor a fazer em Cerrón Grande?

— Estávamos a assistir a uma conferência sobre tecnologia submarina em El Salvador e tínhamos uma tarde livre. Pensei que pudéssemos experimentar um novo sistema de sonar e ver se havia alguns monstros ou naufrágios no fundo do lago.

— Monstros ou naufrágios?

— Eu e o Al trabalhamos para Agência Nacional Marinha e Submarina.

Elise estava familiarizada com a NUMA, a organização científica dos EUA encarregue de monitorizar os oceanos do mundo. Pitt era, de facto, o diretor, enquanto o seu amigo de longa data, Al Giordino, chefiava o departamento de tecnologia submarina. Engenheiro naval de profissão, após um período na Força Aérea, Pitt sempre se sentira fascinado pelo mar, sendo atraído para a exploração submarina logo que teve uma oportunidade.

— Sim, conheço a NUMA — elucidou Elise —, embora duvide que possa encontrar monstros ou naufrágios neste lago. A propósito, pensei que todos os barcos da NUMA estivessem pintados de turquesa. — Ela bateu com uma mão na antepara do barco de pesquisa.

— Este foi arrendado a uma empresa de engenharia local — esclareceu Pitt. — Felizmente para nós, não economizaram nos motores fora de bordo.

Ele olhou por cima da amurada para alguns pneus enterrados na lama ao longo da linha costeira que se encontrava exposta. — Que é que disse que estava com o rapaz a fazer na água?

— Estou aqui como parte de uma equipa científica que dá assistência aos camponeses locais no que respeita aos rendimentos agrícolas. Para além de os ajudar com a rotação de cultivos, irrigação e técnicas de adubação, estamos a introduzir novos tipos de colheitas que talvez sejam mais

produtivas. A nossa equipa tem vindo a prestar assistência a agricultores em El Salvador e na Guatemala.

Ela apontou para alguns campos de milho distantes. — A produção em algumas aldeias mais que duplicou em apenas três anos.

— Parece-me uma atividade muito relevante — disse Pitt. — Mas não estou a ver como é que isso pode ser uma razão para andar de barco, diante de uma barragem a desmoronar-se.

— Nos últimos meses tem havido mortes inexplicáveis de crianças nesta área. O Rondi disse-me que algumas aldeias retiram água para beber do reservatório, de modo que decidi vir recolher umas amostras. — Ela bateu no saco de couro molhado que ainda tinha pendurado ao pescoço.

Giordino olhou por cima do ombro desde a casa do leme. — Onde querem que os deixemos?

— Tão próximo daquele moinho de vento quanto puder. — Rondi apontou para a margem ocidental.

Giordino virou o barco, indo mais devagar, à medida que as águas se tornavam menos profundas. Quando já podia ver o fundo, desligou os motores e elevou as hélices, deixando que o barco flutuasse até que o casco raspasse na areia. — Não posso chegar mais perto. Atenção às areias movediças.

Elise, Rondi e o pescador agradeceram uma vez mais, depois desceram por um dos lados do barco e seguiram para a costa. Elise parou por momentos à beira da água para acenar ao barco da NUMA, depois juntou-se aos outros, caminhando por quase cinquenta metros de lama e de areia.

Pitt e Giordino seguiram-nos com o olhar para se certificarem de que eles tinham chegado bem a terra firme. Elise e Rondi foram para sul, enquanto o velho pescador seguia para norte. — Já chega por hoje, não achas? — Giordino acenou com a cabeça em direção ao Sol que já estava a tocar no horizonte.

— Pois acho — respondeu Pitt. — Ainda teremos de caminhar pela lama quando chegarmos perto da doca.

Saltou por um dos lados e empurrou o barco para águas mais profundas, enquanto Giordino descia as hélices e punha os motores a trabalhar. Logo que Pitt entrou a bordo e eles já estavam longe dos baixios, Giordino acelerou a fundo, mas logo Pitt lhe bateu levemente no braço.

— Desliga os motores! — gritou Pitt.

Giordino fez de imediato o que lhe foi pedido. O barco de alta velocidade enterrou-se um pouco mais na superfície plana, logo que os motores

se silenciaram. Voltou-se para perguntar a Pitt a razão de tudo aquilo, mas em breve viu por si mesmo.

Onde tinham deixado Elise e os outros, viam-se agora chamas e fumo negro que se elevava. Um som de tiros de espingarda ecoou através do lago. Alguém estava a atacar o acampamento de ajuda dos EUA.